

Batismo cultural de Goiânia: significados simbólicos e sócio-culturais na relação entre a Igreja e o Estado

ARAUJO JUNIOR, Edson Domingues de¹; **SILVA**, Maria da Conceição²

Palavras-chave: batismo cultural, Goiânia, relação Igreja-Estado.

1. INTRODUÇÃO (justificativa e objetivos)

O termo “batismo cultural” é utilizado para designar o dia da inauguração oficial de Goiânia, ocorrido em 05 de julho de 1942. Nessa ocasião, a cidade foi palco de realizações culturais que atraíram várias personalidades políticas, artísticas, eclesiásticas e intelectuais do país, além de convidados ilustres e o público em geral. Dentre os vários eventos e festividades que marcaram a inauguração oficial de Goiânia, a missa campal realizada na manhã do dia 05 de julho pelo arcebispo de Goiás, D. Emanuel Gomes de Oliveira, e pelo arcebispo de Cuiabá, D. Aquino Correia, constitui-se como um momento de relevante significado para o restabelecimento de uma nova aliança entre a Igreja e o Estado em Goiás. Sendo assim, a proposta desta pesquisa é investigar o batismo cultural de Goiânia enquanto um importante marco representativo das novas relações que se operavam entre a Igreja Católica e o Estado, em Goiás, entre 1930 e 1942. Para tanto, leva-se em conta o contexto político que se formou em torno da construção e consolidação de Goiânia, a partir da década de 1930. O objetivo é compreender até que ponto a Igreja colaborou para a afirmação da nova capital e em que medida essa contribuição lhe foi benéfica para a condução do seu projeto restaurador.

2. METODOLOGIA

Procurou-se na pesquisa, num primeiro momento, analisar o conjunto das relações que permearam a coexistência ora conflitante, ora pacífica entre a Igreja e o Estado, no período que se estende do final do século XIX até o alvorecer da década de 1930. Para tanto, procedeu-se a uma breve revisão historiográfica de alguns pesquisadores que tratam dessa temática a nível regional.³ Dentre os trabalhos utilizados para a compreensão do contexto nacional da relação Igreja-Estado nesse período,⁴ recorreu-se ao conceito de “restauração católica”, utilizado por Riolando Azzi⁵ para referendar a nova aliança entre os dois setores. Ao confrontar essas leituras com os registros documentais impressos na coletânea *Goiânia Documentada*, de Oscar Sabino Júnior⁶, e com as fontes impressas organizadas por Pimenta Netto⁷, em seus *Anais do Batismo Cultural*, os resultados da pesquisa comprovaram haver uma íntima relação entre o surgimento e a ascensão de Goiânia, com a reaproximação e a consolidação de uma nova aliança entre a Igreja e o Estado em Goiás. De Sabino Júnior, utilizou-se as seguintes fontes: o decreto nº 2737, publicado no dia 20 de dezembro de 1932 pelo Correio Oficial, as atas da comissão de escolha do local da cidade e os registros das primeiras missas de Goiânia em 1933 – a do dia 27 de março, e a do lançamento da

pedra fundamental em 24 de Outubro. Com base nessa documentação, procurou-se relacionar as principais etapas da construção, afirmação e consolidação de Goiânia com o grau de participação e o poder de decisão da Igreja Católica e de seus representantes no alvorecer da nova capital. O objetivo dessa análise foi o de situar historicamente o contexto em que se realizou a inauguração oficial de Goiânia, em 05 de julho de 1942, e a partir daí investigar a relevância desse evento na condução de uma nova aliança entre a Igreja e o Estado em Goiás.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a pesquisa em questão, a Oração Gratulatória, proferida por D. Aquino durante a missa campal do batismo cultural, constitui-se como um dos mais importantes registros sobre a participação da Igreja na inauguração de Goiânia. A partir dela, delineiam-se com maior clareza os principais elementos que consolidaram, no plano simbólico, a nova aliança Igreja-Estado. O primeiro indicativo dessa situação, surge nas seguintes palavras do arcebispo:

Aqui de fato, não vejo somente o povo goiano, o beneficiado e amável povo, que hoje triunfa em íntima união com as suas autoridades, dentre as quais se destacam a figura eminente do Chefe do Governo de Estado e o vulto hierático do seu Metropolita; que no próprio nome, de que fez a divisa heráldica de suas armas arquiépiscopais, nos lembra que Deus está com ele, abençoando os fiéis: **Emanuel, nobiscum Deo!** (Grifo do autor).⁸

Conforme se observa, o quadro regional que demonstra a proximidade de relação entre a Igreja e o Estado em Goiás, evidencia-se na própria harmonia entre o Interventor Pedro Ludovico e o arcebispo D. Emanuel, com o “povo goiano”, apontado pelo prelado de Cuiabá, como o maior “beneficiado” dessa situação. Posteriormente, D. Aquino Correia aponta, em linhas gerais, o que seria o modelo ideal de coexistência entre Igreja, Estado e a sociedade:

Sim! Glória a Deus nas alturas morais da consciência brasileira, orientada, sempre mais, pelos princípios eternos do Evangelho, para este regime de ordem na disciplina e de progresso no trabalho, mediante a mútua compreensão e a concórdia entre as duas sociedades perfeitas, mas inseparáveis, independentes mas harmônicas entre si, que são o Estado e a Igreja; mediante o equilíbrio pacífico nas relações políticas e melindrosas do poder com a liberdade; mediante a constituição sacramental e inviolável das famílias; mediante a formação religiosa do Exército e da Juventude, duas supremas esperanças da Pátria, a esperança de seu presente e a esperança de seu futuro: – **Glória in excelsis Deo!** (Grifo do autor).⁹

Como se vê, as palavras acima se revestem de significativo valor para o entendimento dessa nova fase de relacionamento entre a Igreja e o Estado, caracterizada por Riolando Azzi como restauração católica. Cabe notar, que diferentemente da relação estabelecida durante a cristandade colonial, a característica essencial dessa nova aliança é atribuída ao seu caráter informal e não oficial, e que por isso mesmo reforça o grau de independência e autonomia entre a Igreja e o Estado, poder espiritual e temporal. Nesse sentido, como observa Azzi (1994, p. 30.), a restauração católica é definida muito mais em torno de um relacionamento harmonioso e cordial e através de “gestos significativos” entre os representantes das duas instituições, características essas que no âmbito de Goiás, surgem com maior nitidez em torno do nascimento de Goiânia, e que atingem o seu auge durante o batismo cultural da cidade, em 1942. Assim, ao apoiar o governo em

sua batalha pela mudança definitiva e consolidação da nova capital, a Igreja Católica finalmente viu-se em condições de reafirmar novamente a sua influência sobre a sociedade e sobre o próprio Estado, através de sua ação política restauradora.

4. CONCLUSÃO

Ao longo da pesquisa, procurou-se demonstrar que em torno da formação e ascensão de Goiânia, Igreja e Estado constituíram sólidas bases de relacionamento, pautadas, sobretudo, por mútua cooperação e cordialidade. Nesse sentido, o batismo cultural de Goiânia, por tudo o que representou para a afirmação e consolidação da cidade, contribuiu, sobremaneira, para o restabelecimento da aliança Igreja-Estado, podendo-se afirmar, que no plano simbólico, os principais elementos que conduziram a restauração católica em Goiás, já estavam aí delineados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ata da sessão de instalação dos trabalhos da comissão incumbida da escolha do local para a nova capital do Estado Ex-VI do Dec. nº 2.737, de 20 de dezembro de 1932. In: SABINO JUNIOR, Oscar. (Org.). **Goiânia documentada**. São Paulo: Edigraf, 1960, p. 63.

AZZI, Riolando. **A neocristandade: um projeto restaurador**. São Paulo: Paulus, 1994.

CORREA, D. Aquino. Oração Gratulatória. Goiânia, 05/07/1942. In: PIMENTA NETTO. **Anais do Batismo Cultural de Goiânia, 1942: reedição histórica**. Goiânia: Luzes, 1993, p. 33-36.

Dec. nº 2.737, de 20 de dezembro de 1932. In: SABINO JUNIOR, Oscar. (Org.). **Goiânia documentada**. São Paulo: Edigraf, 1960, p. 59-60.

PIMENTA NETTO. **Anais do Batismo Cultural de Goiânia, 1942: reedição histórica**. Goiânia: Luzes, 1993.

SABINO JUNIOR, Oscar. (Org.). **Goiânia documentada**. São Paulo: Edigraf, 1960.

FONTE DE FINANCIAMENTO – CNPq/PIBIC – UFG

¹ Bolsista de iniciação científica. Departamento de História - FCHF – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, danyoboy@bol.com.br

² Orientadora/Departamento de História/UFG, mariacsgo@yahoo.com.br

³ As obras as quais nos referimos são: SILVA, Maria da Conceição. **Catolicismo e casamento civil na Cidade de Goiás: conflitos políticos e religiosos (1860-1920)**. Revista Brasileira de História, v. 23, n. 46, p. 123-146, jul-dez, 2003; SILVA, Maria da Conceição. **Catolicismo e casamento na cidade de Goiás, 1860-1920**. Franca: UNESP. Tese de Doutorado; SILVA, Mônica Martins da. **A festa do divino: Romanização, patrimônio e tradição em Pirenópolis (1890-1988)**. Goiânia: AGEPEL, 2001; VAZ, Ronaldo Ferreira. **Da separação Igreja-Estado em Goiás à nova cristandade (1891-1955)**. Goiânia: 1997. Dissertação de Mestrado em História das Sociedades Agrárias. UFG, 1997.

⁴ Os referidos trabalhos são: AZZI, Riolando. **A neocristandade: um projeto restaurador**. São Paulo: Paulus, 1994; DIAS, Romualdo. **Imagens de ordem: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922-1933)**. São Paulo: UNESP, 1996; MANUEL, Ivan Aparecido. **Igreja e educação feminina (1859-1959). Uma face do conservadorismo**. São Paulo: UNESP, 1996.

⁵ AZZI, Riolando. **A neocristandade: um projeto restaurador**. São Paulo: Paulus, 1994.

⁶ SABINO JUNIOR, Oscar. (Org.). **Goiânia documentada**. São Paulo: Edigraf, 1960.

⁷ PIMENTA NETTO. **Anais do Batismo Cultural de Goiânia, 1942: reedição histórica**. Goiânia: Luzes, 1993.

⁸ CORREA, D. Aquino. Oração Gratulatória. Goiânia, 05/07/1942. In: PIMENTA NETTO. **Anais do Batismo Cultural de Goiânia, 1942: reedição histórica**. Goiânia: Luzes, 1993, p. 34.

⁹ Ibid., p. 35.